

O RIO DA MINHA ALDEIA

"Os caminhos salgados que separam e unem desde sempre portugueses e brasileiros abriram-se de forma inesperada aqui à minha frente", disse Caetano Veloso no prefácio do livro *A Máquina de Fazer Espanhóis* de Valter Hugo Mãe, em 2016, antevendo o que viveríamos hoje à tarde, de maneira repentina, aqui em Lisboa.

Nada de show, de ingresso, de plateia, hoje à tarde ela era só uma mulher numa reunião mais ou menos íntima ao lado de um violão. Um casarão de portas abertas, uns amigos brindando, alguém pedindo pra ela recitar qualquer coisa, outro levantando da cadeira aplaudindo e ela pedindo silêncio para contar uma história. E, do lado de fora, eu era uma anônima sentada no batente da rua bancando a turista ociosa olhando só porque não há nada melhor para olhar, observando da porta, ouvindo Maria Bethânia falar:

"Eu aprendi poesia com um professor lá no Recôncavo da Bahia, numa escola pequenina, tão simples, tão bem cuidada. Nosso professor escrevia as coisas mais lindas, meu irmão musicou alguns dos seus poemas. E foi com ele que aprendi muito do que eu sei, lá no Recôncavo, numa escola pública e, hoje, há quem não acredite num ensino público de qualidade. Não matem o ensino público. Escola para todos, minha gente!". E todos bateram palmas.

Soube que ela estaria ali graças a uma amiga que a entrevistou neste mesmo lugar no ano passado. Coisa que, hoje, eu não ousaria fazer. Porque trabalho é trabalho e encanto é encanto. Nem arrisquei tirar a máquina fotográfica da mochila, não ousei quebrar aquela fina aura de intimidade. Já dizia Machado de Assis: "não há alegria pública que valha uma boa alegria particular". Minha vontade era entrar de mansinho no salão, puxar uma cadeira para perto: "Olá, como vai?" ou "Olha, eu também sou baiana" ou "Você precisa saber da piscina, da margarina, da Carolina" e me fazer notar, mas, claro, não fiz nada. Fiquei da porta, olhando. E ela se levantou colocando uns óculos para recitar:

"O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia."

O grupo aplaudiu e ela citou outras coisas de Fernando Pessoa, homenagem de uma estrangeira aos anfitriões. Depois foram mais de duas horas de músicas, poemas,

histórias antigas de Santo Amaro, de Salvador, de Ilhéus, eu já tinha esquecido de como essa mágica acontecia. Esse susto de se re-conhecer. Por fim, antes de ir embora, ela cantou – “Se lembra da fogueira, se lembra dos balões, se lembra dos luazes dos sertões...” – de pé, sozinha, daquele jeito que a gente sempre soube. Que eu sempre soube. Colar de contas, voz firme, sorriso grande, senhora de todos os movimentos, dona de todas as atenções. Absolutamente grandiosa. Mais bonita que nos cartazes do show do dia seguinte. Mais bonita do que as mulheres do salão. Mais bonita do que todas as pessoas desse lugar – ou de qualquer lugar. Mais livre e maior porque é o rio que corre pela minha aldeia.



Foto: Divulgação

Mariana Pinto Miranda é estudante de doutoramento em Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA\Brasil) e mestra em Mídia pela Universidade Nova de Lisboa. Atua como correspondente pesquisadora de Place Branding em territórios lusófonos.

Contato: @marianapintomiranda